REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

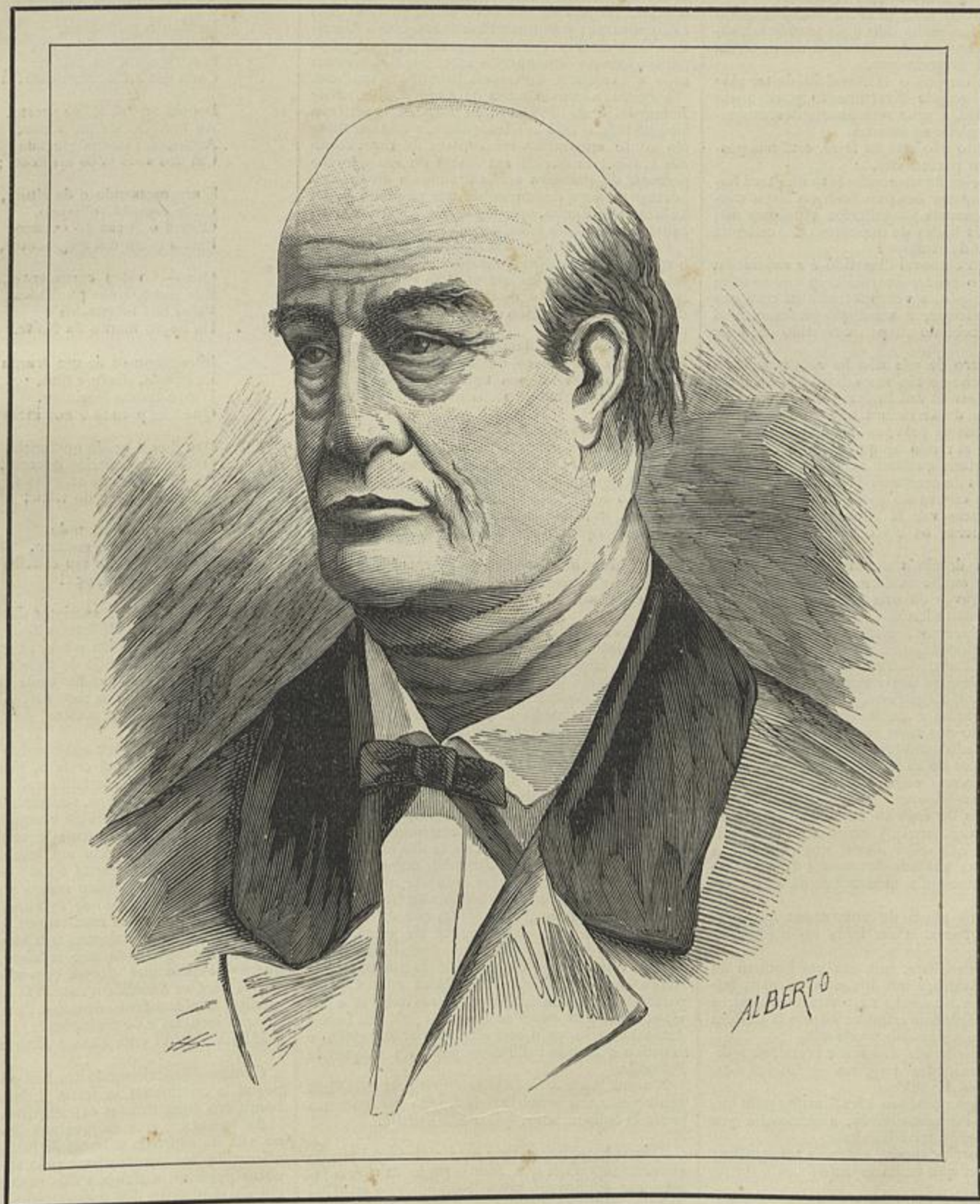
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 222

21 DE FEVEREIRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

O ACTOR THEODORICO BAPTISTA DA CRUZ — FALLECIDO A 18 DE JANEIRO DE 1885

CHRONICA OCCIDENTAL

Lá vae mais um carnaval para o barril do lixo da Historia.

Não foi nem melhor nem peior do que os carnavaes dos outros annos.

Uns divertiram-se muito, outros não se divertiram nada, e cada qual conta da festa como lhe vae n'ella, excepto os noticiarios que apparecem todos os annos com as mesmas lamurias rhetoricas ácerca da decadencia do carnaval, da semsaboria do entrudo de hoje, de hontem e de ámanhã, porque para o anno hão de apparecer os mesmos artigos, como hão de apparecer os mesmos *chechés* que ahi vimos a correr, enxargados, pelas ruas, com o seu facão de papelão prateado, e com a sua graçola legendaria — *Arreda que te especto,* que tambem tem os seus *dilletanti,* o rapazio que lhes acha immensa graça.

Póde muito bem ser que os *chechés* que vimos este anno não sejam os mesmos que vimos no anno passada e os mesmos que apparecerão para o anno, mas a cabelleira e o chapeu armado é que são sempre os mesmos, como os artigos dos noticiarios podem ser outros, mas o seu estylo e o seu tom, são os mesmos eternamente.

Ora, francamente eu não creio nada em que o entrudo este anno tenha sido uma grande semsaboria, e que o entrudo ha cincoenta annos tenha sido um grande divertimento.

De todos os tempos o carnaval ha de ter sido fatalmente um grande divertimento para quem n'elle se divertiu, e uma semsaboria descommunal para quem n'elle se massou.

O divertimento não está na festa, está nas pessoas que tomam parte n'ella.

Quantos bocejos de aborrecimento não terá havido em Nice, apesar das suas ruidosas festas carnavalescas, e quantas gargalhadas satisfeitas não terá havido nos bailes de mascaras da Academia Minerva na rua da Atalaya?

O que faz um carnaval divertido é a mocidade, é a alegria, e o prazer enorme com que se atira um cartuxo de pós, a ventura ineffavel com que se veste um *pierrot,* a satisfação indescriptivel com que se recebe no chapeu uma mão cheia de tremoços.

Quando dentro de nós não ha essa mocidade, essa alegria, acha-se tão semsaborão o combate de flôres no Passeio dos Inglezes em Nice, como as luvas cheias de serradura que amarrotam os chapeus que passam pela rua dos Cavalleiros.

Desenganem-se: não se queixem do carnaval, se não se divertem, queixem-se de si.

Com os bailes de mascaras dá-se a mesma coisa. Quem vae lá á espera de que o alegrem, perde o seu tempo: quem vae lá cheio de alegria, desforra perfeitamente os cinco tostões que deu á porta

Emquanto a dominós espirituosos, a intrigas complicadas, a mulheres formosas que tem ditos scintillantes atravez da mascara de velludo, isso é tudo uma perfeita lenda.

Esses dominós, essas mascaras, nunca estiveram no salão da Trindade, nem no baile da Opera de Paris, nem no corso de Napoles: nunca sahiram das paginas coloridas dos romances de Mery, de Dumas, pae, de George Sand, das chronicas scintillantes da Girardin e de Nestor de Roqueplan.

Se, lembrando-nos com saudade d'esses livros que lêmos em adolescentes, vamos ao theatro de D. Maria á espera de encontrar lá essas espirituosas figuras de nosso velho conhecimento, somos roubados infallivelmente

E depois, isto de espirito das mascaras é perfeitamente convencional. A gente acha-lhes espirito quando o que ellas dizem nos lisongeia a nós, e morde na vaidade dos nossos visinhos. Se os mordidos somos nós, achamol-as de uma semsaboria mortal.

Lembramo-nos ainda de uma scena que presenceámos ha annos n'um baile no theatro de D. Maria II.

Um antigo jornalista, que era um homem de lettras distinctissimo, e um dos espiritos mais brilhantes que tem irradiado na nossa imprensa, e que já ha annos dorme n'um cemiterio lá de fóra o grande somno, estava ao pé de nós.

Acercou-se d'elle um dominó e começou a dizer-lhe as banalidades vulgares — Conheço-te. Bem sei quem és. És fulano.

O nosso amigo começou a puchar-lhe pela lingua, a chamar-lhe semsaborão, a increpal-o por não lhe dizer senão trivialidades.

O dominó sorriu, sorriu, e depois tornou-lhe:

— Ah! queres que tenha espirito?

— Quero.

— Então vae por tua conta.

E começou a desenrolar alli, diante de toda a gente, a historia completa do jornalista, com seus quadros comicos, picarescos, ridiculos, que toda a gente ignorava.

E o nosso amigo contorcia-se, e o publico ria, achando á mascara um espirito extraordinario, e elle, que a provocára áquillo tudo, safou-se da sala, e d'alli a nada foi-se embora dizendo-me:

— Vou-me embora. Nunca vi um baile de mascaras mais semsaborão!

E' o que dissemos: — cada qual canta da festa conforme lhe vae n'ella...

Os theatros de Lisboa deram algumas novidades na ultima semana do Carnaval.

O theatro de D. Maria deu, em beneficio d'um actor comico que alli tem feito progressos enormes, e que é hoje um dos artistas mais conscienciosos e dos mais engraçados do nosso theatro, o sr. Costa, uma comedia nova em trez actos, *A Radiante,* traduzida pela pessoa que escreve estas linhas da comedia franceza *La Flamboyante,* que no anno passado fez grande successo em Pariz.

A *Radiante* agradou immenso, e com sobeja razão, porque, além de ser uma explendida comedia, teve um desempenho irreprehensivel.

O papel principal da peça foi desempenhado com muito boa *verve* pelo actor Silva Pereira, que o criára no Rio de Janeiro o verão passado com exito enorme; e Antonio Pedro, Joaquim d'Almeida e Costa fizeram com tanta graça trez pequenos papeis, que no desempenho esses papeis tomaram toda a evidencia de papeis principaes tambem.

Virginia, a grande actriz da *Fedora,* do *Grande Industrial* e da *Princeza de Bagdad,* com uma amabilidade e uma condescendencia que em theatro só se encontram em artistas de raça, como ella é, não poz duvida em descer do seu glorioso pedestal de primeira actriz dramatica do theatro portuguez, para desempenhar um pequeno papel de comedia ligeira, um papel que seria insignificante se não fosse feito por ella.

Carolina Falco e Amelia da Silveira deram todo o relevo dos seus bellos talentos e da sua alta cathegoria artistica aos outros dois papeis de mulher da *Radiante,* e assim a comedia teve um desempenho excepcional e um *successo* de primeira ordem.

O segundo acto da comedia é dos actos mais bem feitos no genero e dos actos mais engraçados que n'estes ultimos tempos a veia humoristica dos dramaturgos parisienses tem produzido.

A peça nova que o Gymnasio deu em beneficio da talentosa actriz Barbara, uma das mais formosas vocações theatraes do nosso palco, uma actriz completa, que em cada novo papel tem um triumpho certo, foi a antiga comedia de Henrique Zummel, imitada do hespanhol pelo fallecido e grande escriptor Rebello da Silva, *As Redeas do Governo*

As Redeas do Governo, representadas ha muitos annos no theatro de D. Maria, foram das criações mais notaveis de Emilia das Neves e de Theodorico.

Deixando o gladio da tragedia, a grande actriz da *Thusnelda,* da *Judith,* da *Joanna a doida,* encarnou-se com uma graça infinita n'uma burgueza insupportavel e fez d'ella uma creação comica digna de uma caracteristica excepcional.

Theodorico, muito á vontade n'um papel do genero em que elle era mais completo e brilhante, representou tambem as *Redeas do Governo* com uma *verve* especial, e a peça, que de si tem muita graça, fez por esse desempenho extraordinario uma carreira triumphante no theatro de D. Maria.

No Gymnasio as *Redeas do Governo* agradaram tambem muito, porque se effectivamente a peça estava já muito vista, e se a parte das allusões politicas está já um pouco *demodée,* como não podia deixar de estar, o bello colorido que lhe deram os talentos comicos brilhantissimos de Barbara e de Valle, o grande Valle, que de dia para dia apparece mais exhuberante de graça, valeram-lhe um *successo* enorme de gargalhada.

Fóra dos theatros e dos bailes de mascaras publicos, o carnaval teve em Lisboa muitos bailes particulares, *soirées* intimas, festas alegres e joviaes d'entre as quaes se destacou pelo seu brilho extraordinario, pelo seu alto tom aristocratico e artistico o grande baile dado pelos srs. duques de Palmella.

N'outro logar o OCCIDENTE consagra a essa festa principesca um artigo especial, feito por um nosso presado collaborador, que a ella assistiu.

Temos ha semanas em nosso poder um livro de excellentes versos que com o titulo de *Lyra insubmissa* publicou o nosso bom amigo o sr. Abel Acacio, distincto escriptor que por mais d'uma vez tem obsequiado o OCCIDENTE com a sua valiosa collaboração.

A *Lyra insubmissa* é uma collecção de poesias feitas desde 1874 a 1883, e indicando a successiva transformação porque durante esses nove annos passou o espirito do seu auctor.

N'um bem elaborado prologo, Abel Acacio declara não obedecer nos seus versos a nenhuma escola litteraria em especial e effectivamente o seu livro, e não é isso o que menos nos encanta n'elle, tem um bello tom individual e caracteristico.

As curtas dimensões da nossa chronica não nos permittem uma demorada analyse do livro, uma recapitulação minuciosa das bellezas de forma e de idéa que n'elle abundam. Temos que nos limitar a noticiar o seu apparecimento, e a transcrever apenas uma poesia como amostra do que é esse livro de que o editor portuense Eduardo da Costa Santos, proprietario da Livraria Civilisação, fez um formoso e elegante volume.

O TEU CABELLO

Um dia em que mais disposto
Se sentiu para o trabalho,
Amputou Deus um retalho
Ao negro manto da Noite;

Desfiou-o cuidadoso,
Malha a malha, fio a fio,
E adelgaçou, fez macio
Cada um esmeradamente...

Depois ao Sol foi-se presto,
Ao bom Sol da mocidade,
Arrancou-lhe sem piedade
Um dos seus raios melhores;

E arremessando-o da altura,
Onde campêa soberano,
Contra o dorso do oceano,
Partiu-o em mil fragmentos,

Que — vividos, coruscantes, —
Elle semeou aos punhados
Pelos fios fabricados
Do negro manto da Noite.

Impregnou-os de um aroma
Exquisito, suave e fino,
D'esse aroma feminino,
Que nos prende e nos incanta;

Deu-lhes a grada opulencia,
O dom das caricias quentes,
O requebrar das serpentes,
A unctuosidade do talco;

E d'este sublime todo,
D'este precioso modelo,
Formou Deus o teu cabello
Ó adoravel creança!

Morreu em Paris um escriptor distincto que teria sido um homem de lettras dos mais celebres, se o demonio da politica o não tivesse dominado desde pequeno e afastado do campo onde o esperava a gloria, para aquelle onde perdeu inutilmente o seu trabalho, as suas forças, conseguindo ser apenas odiado por muitos, sem ser chorado por nenhuns.

Julio Vallés, o celebre communista fundador do *Cri du Peuple,* o jornal onde ha poucas semanas se passou um drama extranho que echoou em todos os jornaes da Europa, succumbiu a uma tisica galopante, que lhe sobreveiu a uma laryngite.

O seu caracter era pouco sympathico, o seu talento de escriptor porém era grande, e as suas obras puramente litterarias é tudo que fica d'elle.

Como jornalista politico nunca passou da mediocridade, distinguindo-se ás vezes apenas pela sua violencia, pelo seu mau humor.

Quantos grandes talentos tem anniquilado essa *cocotte* desvergonhada que se chama a politica, quantas explendidas glorias tem ido arrancar ás lettras para os annullar n'essa vida de luctas mesquinhas e infructiferas, de odios, de malquerenças, de transigencias e de ambições!

Julio Vallés foi uma d'essas victimas

Continua funccionando em Lisboa o congresso postal, e continuam as festas e os banquetes em honra dos congressistas extrangeiros.

Ás horas em que escrevemos deve realisar-se na sala do supremo tribunal de justiça, um jantar offerecido aos congressistas pelo sr. ministro das obras publicas, e d'aqui a dias realisa-se no palacio do ministerio dos extrangeiros, um banquete offerecido pelo sr. conselheiro Bocage.

Gervasio Lobato.

THEODORICO BAPTISTA DA CRUZ

O nosso theatro nunca foi abundante, e muito menos selecto. Ao contrario das demais nações, que sempre procuraram fazer reviver na scena a sua historia, as suas lendas, as suas tradicções, os seus usos e costumes populares; nós, temos descurado, mais do que deviamos, nacionalisar, no pensamento, e na fórma, o drama, a comedia, a propria farça, que poderia reproduzir o viver do nosso povo.

Sem feições caracteristicas, bem pronunciadas, não póde haver theatro digno d'este nome. Um simples agrupamento de scenas, e de actos, embora logicamente conduzido, não constitue por si só uma obra de arte, resistente á critica, duradoira, com titulos sufficientes para ser archivada no reportorio, que desdenha os applausos convencionaes de momento, para atravessar os seculos e d'elles fiar a sua consagração.

Ufana-se o theatro inglez do seu Shakespeare, e de muitos outros auctores, com especialidade comicos, que, desde o seculo XVII, não tem deixado de honrar a scena, não com producções ephemeras, nas condições que acima deixámos apontadas, mas com verdadeiras obras de arte, que, taes são as que, escriptas n'uma lingua, mal podem ser affeiçoadas a paladares extranhos, pelo cunho de isempção nacional que as caracterisa, e lhes veda a universalidade do applauso; exceptuando d'esta regra a tragedia, que, por de violentas paixões se inspirar, da sua indole especial se prevalece para o cosmopolitismo dos applausos negado ás demais composições theatraes.

O theatro allemão, que teve a represental-o com glorioso renome a Goethe e a Schiller, ainda hoje das suas poeticas lendas tira o cabedal com que sabe prender a attenção de um publico severo e intelligente, sem abdicar, antes comprasendo-se, em ser essencial, e exclusivamente allemão.

O fertil theatro hespanhol, quasi indifferente á influencia de Dumas, de Sardou, de Pailleron, apegado á sua tradiccional redondilha, d'ella se serve, quer para isemptar as suas zarzuellas de parentescos alheios, quer para se guindar no drama, sem mendigar subsidios de outros theatros, em desaccordo com o viver e pensar de um povo original, e de romanescas tradicções.

A Italia, mesmo antes de unificada, acatava o nome de Goldoni, e, sem deixar de recorrer ás traducções das obras primas extranhas, procurava, e procura ainda renascer na tragedia-lyrica, isto é, da que abandona, não o fundo, mas a fórma das tragedias classicas, para, como na *Judith* e no *Nero*, commover o publico, sem o prender oa pôtro das unidades, nem ás pautadas exigencias do theatro antigo.

A França, finalmente, não dorme sobre os loiros de Corneille e de Racine, a que ainda paga annual tributo no seu primeiro theatro, e renasce na comedia-drama chamada social, tendo por interpretes artistas excepcionaes, de antemão escolhidos pelos auctores, para quem de caso pensado escreveram as suas peças, logrando, auxiliados por estes, triumphos que se contam por centenas de representações, e fabulosos lucros pecuniarios.

Nós a nenhumas d'estas nações nos podemos assimilar, escravos como andamos do reportorio da ultima d'ellas, que nem sequer nos deixa a liberdade de acção para uma producção original, mais do que isso, nacional, que é o que convém exigir dos nossos raros dramaturgos.

O theatro portuguez que, no seculo passado dera alguns signaes de vida, escudado pelo inquestionavel talento do Judeu, e de outros que o imitavam, em breve foi vencido pelas traducções do theatro classico francez, o que obrigava Garção a dizer na sua comedia *Theatro Novo*, e pela bocca do emprezario Aprigio:

> Inda o Fado não quer, inda não chega
> A epocha feliz e suspirada
> De lançar do Theatro alheias Musas,
> De restaurar a scena portugueza.

Vinha aqui a proposito falar nos exforços empregados pela Arcadia para restaurar o nosso theatro; mas as limitadas dimensões de um artigo de jornal, e demais circumscripto a um assumpto determinado, não nos permitte divagações, que, ainda assim, julgamos apropositadas, antes de nos occuparmos da actualidade, e do actor que teve uma parte honrosa no renascimento, embora não progressivo, do theatro moderno.

Da Rua dos Condes, do velho pardeeiro, antipoda da hygiene e da elegancia, datam os primeiros e honrosissimos exforços para tirar do abatimento e da prostração a scena portugueza. E' a este acanhado edificio, e á sua arrastada vida artistica, que o poeta Bingre se referia, lastimando a ausencia dos espectadores, e comparando-o ao theatro de S. Carlos, dizia:

> Levou-me á Rua dos Condes (1)
> Onde alli na scena estava
> A *Nova Castro*, de Gomes,
> Tragedia que o mundo gaba.
>
> Mas qual foi o meu assombro
> Quando a casa vi vasia!
> Trez duzias de espectadores
> Só pela platéa havia.
>
> Apenas dez camarotes
> Eu vi de senhoras cheios,
> Com seus paes, com seus maridos,
> Todas de honestos asseios,
>
> «Porque tão pouca gente,
> (Pergunto ao Demo magano)
> N'este theatro? e tão cheio
> O theatro italiano?»
>
> Dando um risinho o tal Côxo,
> De prompto me respondeu:
> «N'este governa a virtude,
> N'aquelle governo eu.»

Á parte a virtude que Bingre quiz vêr na *Nova Castro*, e o horror que lhe inspirava o theatro de S. Carlos, a verdade é, que o theatro nacional estava então ás môscas, tal qual como ainda hoje succede, e que só mais tarde chegou a dar verdadeiros signaes de vida, quando alli chegou a representar a companhia de que faziam parte: Carlota Talassi, a excepcional, e nunca depois excedida Emilia das Neves, bem como os actores: Theodorico Baptista da Cruz, Epiphanio Aniceto Gonçalves, João Anastacio Rosa, José Joaquim Tasso, e os artistas comicos: Lisboa e Sargedas.

Diz-se, e repete-se geralmente, que ao francez Emilio Doux, e ao italiano Cesar Perini, deve o theatro portuguez, do segundo quartel d'este seculo, um dos periodos mais brilhantes do seu desenvolvimento e prosperidade. Nós, não somos d'essa opinião. Emilio Doux, era um actor de segunda ordem, capaz talvez, de *metter em scena* uma peça, mas ignorando a nossa lingua, não podia ensinar as entonações, que elle proprio não sabia dar. O segundo inculcava-se por homem de lettras, era um pessimo dramaturgo, e foi uma lastima como professor de declamação do Conservatorio, apesar de haver sabido vencer a concorrencia que lhe fizeram os actores Dias, e Epiphanio, que lhe disputavam o logar, negando-lhe a competencia de mestre.

Na epocha a que nos vamos referindo, e ainda muito posteriormente, o theatro portuguez alimentava-se quasi exclusivamente das traducções do theatro francez, no periodo mais brilhante do romantismo, o que exigia da declamação exagerações apropriadas á indole, já de si tambem exagerada, dos monologos retumbantes, das peripecias violentas, do jogo de scena energico: defeitos a que hoje se contrapõem outros defeitos alcunhados de *realismo* ou *naturalismo*, que por vezes degeneram na semsaboria, se o artista não sabe descriminar a convenção dos actos vulgares da vida pratica theatral de que pretende inspirar-se. Isto dizemos para resalvar os creditos de Theodorico e dos seus collegas da Rua dos Condes, e depois do theatro de D. Maria, da critica dos que não querem attender ás circumstancias dos tempos, e ás exigencias do espirito publico. Apesar de tudo, Emilia das Neves, a primeira entre todos os seus collegas, soube, quando nova ainda, hombrear com a Dejazet nas *Proezas de Richelieu*, e não se deixar vencer pela grande tragica Ristori na *Judith*, o que prova a ductilidade do seu immenso talento, e a sua privilegiada organisação artistica. Epiphanio representou sem desaire os papeis de Frederico Lemaître; Tasso, elevou-se como galã central á maxima altura; finalmente, Theodorico, physicamente desprotegido, se menos se ageitava á reproducção dos typos das peças francezas, sabia no drama historico-nacional dar ás figuras o toque necessario para as denunciar portuguezas.

Estes esforços, porém, não seriam por si só bastantes para nobilitar o grupo de artistas dramaticos a que Theodorico pertenceu, se todos os que o compunham não tivessem tido a honra de serem interpretes das obras primas de Almeida Garrett, deixando os seus nomes ligados ao do auctor do *Frei Luiz de Sousa*, *Alfageme*, *Auto de Gil Vicente*, *Sobrinha do Marquez*, e tantas outras joias de litteratura nacional. O impulso dado por Almeida Garrett ao theatro portuguez ainda foi imitado, desde 1839 até 1843, por Mendes Leal, José Freire de Serpa Pimentel, Abranches, Feijó e Pereira da Cunha. A este periodo correspondem as representações dos *Renegados*, *A Actriz*, *O Camões do Rocio*, *Os Dois Campeões*, *Conde Andeiro*, *Aben-Affan*, *As Duas Filhas*, *A Brazia Parda*, *O Barbadão*, e, finalmente, o *Fronteiro d'Africa*, de Alexandre Herculano.

(1) *O Diabo Côxo.*

Se algumas d'estas peças vinham eivadas de exagerações romanticas, inspiradas pelos dramas de Victor Hugo, Alexandre Dumas, e outros, procuraram seguir o exemplo do mestre, e acompanhar Almeida Garrett no intuito de nacionalisar o nosso theatro. Entre os que assim pensavam devemos citar os auctores do *Captivo de Fez*, *Barbadão*, *Camões do Rocio*, *Alcaide de Faro*, e outras composições desprendidas de inspiração franceza, symbolisada, principalmente, nos dramas tetricos de Alexandre Dumas e nas comedias de Scribe.

Nas peças do reportorio que acima deixámos indicado, bem como nas que depois foram representadas no theatro de D. Maria II, em quanto durou a Sociedade dos artistas dramaticos, desempenhou Theodorico Baptista da Cruz notaveis papeis, quasi todos de *centro*, e só de outros, por excepção, e conveniencia de momento. Theodorico, homem do povo, não queria, nem sabia renegar a sua origem; e por isso, no theatro, sentia-se mais á vontade nos dramas que o dispensavam de calçar luvas, do que nos arrebiques da comedia de sala, que o forçavam a amaneirar-se, e a duvidar de ser elle o proprio. Nunca soube, nem agora me deram tempo para indagar, quem fossem os paes de Theodorico; se é que isso importa saber de quem de si mesmo tira os seus brazões artisticos. Ouvi por vezes contar (não garanto a veracidade do facto) que Theodorico Baptista da Cruz fôra em creança vendedor ambulante de sapatos de ourelo, quando esta, e outras industrias, se inculcavam em ruidosos pregões pelas ruas da capital. Ouvi tambem dizer, e isto ao proprio interessado, ser afilhado de baptismo do velho Theodorico, do que fizera as delicias dos espectadores do theatro do Salitre, nos papeis de baixo comico, que foram tambem aquelles a que o seu afilhado a principio se dedicou. Mas, tendo este nascido em 1818, a 26 de julho, e faltando-me informações ácerca da data exacta do fallecimento do outro Theodorico, não queremos aventurar-nos a affirmar um facto, embora plausivel, pela identidade dos nomes dos dois artistas, o que alguem se ache habilitado a desmentir, recorrendo aos registos parochiaes, o que nós não fizemos.

Falámos do artista: diremos agora do homem. Theodorico Baptista da Cruz foi, isso affirmamol-o nós, um chefe de familia exemplar, como tambem exemplar administrador da fazenda alheia, como deu provas na qualidade de thesoureiro da Sociedade dos artistas dramaticos, e posteriormente, como gerente do seu espolio. Ha annos, chamára Theodorico a si um afilhado, a quem dera o seu nome e appellido, querendo, naturalmente, perpetuar n'elle o nome e o appellido que, por identicas circumstancias, recebera, e de que se ufanava, como de um titulo nobiliario. Foi Theodorico Baptista da Cruz (o terceiro da dymnastia, a que o theatro deu o fôro de fidalgos, aos seus dois primeiros representantes) quem, junto com os irmãos do fallecido, participou ao publico que, com 67 annos de idade, deixára de existir aquelle que só cessára de trabalhar quando a doença lhe quebrára de todo as forças, impossibilitando-o de comparecer perante o publico, o juiz benevolo que sempre o absolvera e applaudira no decurso da sua longa carreira artistica.

L. A. Palmeirim.

AS NOSSAS GRAVURAS

BAZAR EM BENEFICIO DA ANDALUZIA NO JARDIM ZOOLOGICO

Entre as manifestações de caridade que de um extremo ao outro do paiz se tem produzido para soccorrer o pobre e desventurado povo andaluz, na grande desgraça que os terramotos vieram espelhar por sobre elle, torna-se digno de menção especial o bazar de sortes, que uma commissão de senhoras da melhor sociedade lisbonense, promoveu no Jardim Zoologico de Lisboa.

N'aquelle formoso jardim, que tem sido o passeio mais predilecto do publico de Lisboa desde maio do anno passado, em que foi inaugurado, levantou-se, proximo do grande lago, uma elegante barraca, como se póde vêr em a nossa gravura, e n'ella reuniu a illustre commissão grande numero de brindes offerecidos por muitas pessoas que vieram ao seu appello com aquella sollicitude

e philantropia nunca desmentida na sociedade portugueza.

A profusão de prendas, dispostas com muito gosto e arte nas prateleiras, que formavam um amphitheatro no interior do bazar, attrahia o publico, o qual, em enorme concorrencia, alli levou o seu obolo.

Foi no dia 7 do corrente que a benemerita commissão abriu o bazar, e logo n'esse dia, apesar de um pouco nebuloso, grande concorrencia de povo honrou a festa de caridade, produzindo a venda das sortes cerca de 600$000.

S. M. a Rainha, previamente convidada pela commissão das senhoras, tambem consagrou a festa com a sua presença, comprando sortes, além da offerta que fez para o referido bazar.

El-rei D. Fernando, o principe e os infantes tambem alli estiveram.

Além do bazar, havia uma pequena barraca improvisada com um grande chapeo de sol, onde creanças vendiam sortes.

O bazar esteve aberto por alguns dias em que o tempo se conservou melhor, e o resto das prendas que ficaram, umas por donativo e outras que não se extrahiram, vão ser vendidas em leilão para se liquidar o seu producto, o qual irá mitigar os infortunios da pobre Andaluzia.

Honra á illustre commissão iniciada pelas damas portuguezas, que mais uma vez vieram confirmar o quanto está enraizado em seus corações o sentimento sublime da caridade

O CONGRESSO POSTAL, EM LISBOA

No dia 4 do corrente inaugurou em Lisboa a sua terceira reunião o Congresso da União Postal Universal, cuja a primeira sessão se realisou em Berne, no anno de 1874, e a segunda em Paris, no anno de 1878.

A situação geographica de Lisboa, que lhe permitte ser o centro mais importante das relações entre a America e a Africa especialmente, não podia deixar de ser das primeiras cidades escolhidas pelo congresso, para realisar uma das suas reuniões, onde se accordassem novos melhoramentos no serviço postal trocado entre os diversos paizes.

Ás 2 horas da tarde, pois, d'aquelle dia, achando-se reunidos, na sala das sessões publicas do supremo tribunal de justiça, os representantes de 54 paizes que fazem parte da *União Universal dos Correios*, dos quaes deixaram de se fazer representar a Bulgaria, Columbia, Equador, Haiti, Montenegro, Persia, Salvador, Turquia e Servia, o sr. Barbosa Bocage, ministro dos negocios extrangeiros, abriu a sessão inaugural, e comprimentou em nome do paiz os membros do congresso alli reunidos, fazendo um breve discurso sobre as vantagens que tem resultado d'estas reuniões, e das que era de esperar, resultassem da presente. Respondeu o sr. Gervay, director geral dos correios da Hungria e decano do congresso, agradecendo ao nobre ministro as suas affectuosas palavras, e saudando Portugal em nome dos delegados dos diversos paizes alli representados, terminou por propor para presidente do congresso o sr. conselheiro Guilhermino de Barros, o que foi approvado por acclamação.

BAZAR EM BENEFICIO DA ANDALUZIA, NO JARDIM ZOOLOGICO (Desenho do natural por Christino)

O sr. conselheiro Guilhermino de Barros, propoz então para vice-presidente do congresso o sr. Borel, chefe da repartição internacional de Berne, proposta que foi approvada.

Os diversos paizes que concorreram ao congresso acham-se representados pelos srs.: dr. Stephan, Sachse, Fritsch e Neumann, Allemanha; D. Francisco P. Hausen e D. Filiberto d'Oliveira, Republica Argentina; Baron Guillaume Dewez, Gervay, Alexandre Varges, Baron Buchmann e Habberger, Austria-Hungria; Gife, Belgica; Luiz Caetano Pereira Guimarães, Brazil; D. Manuel Martinez, Chili; D. Léon Fernandez, Colombia Costa Rica; N. H. Hostrup Lund, Dinamarca; Pedro Gomes da Silva, Republica Dominicana; Haltonbey, Egypto; Aquilino Herce e Carlos Flores, Hespanha; William T. Otto e James C. Crawlord, Estados-Unidos; Paulo de Laboulaye, A. Besnier, Cochery e Ansault, França; Duvivier, Colonias francezas; Stevenson A. Blackwood, Buxton Forman e C. A. King, Grã-Bretanha e colonias britannicas; Eugene Borel, Grecia; José Carrera, Guatemala; Eugene Borel, Hawai; J. de la Carrera, Republica de Honduras; H. E. James e Goldmann, India britannica; Tantesio e F. Salivetto, Italia; Jasushi Nomura, Yoshinori Takahashi e Futatsuberhi, Japão; Conde de F. de Senmarti y Brugues, Siberia; Mathias Mongenast e Charles Richard, Luxemburgo; D. Luiz Breton y Vedra, Mexico; Manuel Joaquim Alves Diniz, Nicaragua; H. H. T. Asche, Noruega; Franc[illegible] d'Almeida Rebello, Paraguay; J. P. Hofstede [illegible] barão C. W. Sweerts de Landans Uyborgh, Paizes Baixos; Carlos Duarte Luz, Peru; conselheiro Guilhermino A. de Barros, Ernesto Madeira Pinto, José Pedro Montinho Segurado, Pedro de A. Vidoeira, João Baptista da S. Lopes, Alfredo Pereira e José Augusto Thomaz Ferro, Portugal e colonias portuguezas; principe Jean Ghika e Constantin Jean Manu, Roumania; general de Bezak, Poggenpohl e barão de Rosen, Rus-

Congresso Postal, em Lisboa, reunido na sala do Supremo Tribunal de Justiça (Desenho do natural por Christino)

sia; A. W. Roos, Suecia; Edmond Hohn, Suissa; E. Culley e Badanez, Uruguay; José Luiz Ferreira Crespo, Venezuela.
Dos paizes que não fazem parte da *União Universal dos Correios*, fizeram-se representar as colonias inglezas da Australia e a Bolivia.

*
* *

O congresso approvou o projecto de regulamento das sessões, organisado pela repartição internacional de Berne, e nomeou tres commissões para darem parecer sobre as propostas que forem apresentadas á discussão.
Resolveu que se reuniria ás 10 horas da manhã terminando as sessões ás 4 da tarde, e que se désse um resumo das deliberações do congresso, á imprensa. Foi o sr. conselheiro Guilhermino de Barros quem apresentou estas propostas que foram approvadas, e assim se concluiram as reuniões preparatorias.
Pela Allemanha foi apresentada uma proposta sobre estatistica; pela Italia uma proposta sobre valles, valores declarados e bilhetes de identidade; Portugal apresentou uma proposta sobre encommendas, assignaturas de jornaes, cobranças de recibos e annuncios. Estas propostas foram approvadas para serem discutidas.
As tres commissões de pareceres ficaram assim eleitas. 1.ª, presidente, o sr. Blackwood, delegado da Inglaterra; e relator, o sr. Gife, delegado da Belgica. 2.ª, presidente, o sr. Besnier; e relator, o sr. Ansault, delegado da França. 3.ª, presidente, o sr. Sache, delegado da Allemanha; e relator, o sr. Hohn, delegado da Suissa.
O congresso tem reunido todos os dias e as suas sessões são secretas, por isso o resultado dos seus trabalhos só depois poderá ser conhecido.

*
* *

A sala onde, como já dissemos, reuniu o congresso, é a das sessões publicas do supremo tribunal de justiça, que mede 22 metros de comprimento por 15 de largura.
É como se vê um vasto salão que recebe luz por 10 janellas das quaes 5 deitam sobre a Praça do Commercio, deixando disfructar o vasto panorama do Tejo.
Esta sala foi renovada de pinturas ha pouco mais de um anno e o seu aspecto é realmente bello, e n'esta occasião ainda mais, pela mobilia de que se acha guarnecida.
As pinturas que a enriquessem por meio de floreados ornatos pintados a claro escuro, que chegam por vezes a illudir, parecendo em relevo, são executadas pelo distincto artista sr. Coartin, e os bellos retratos de jurisconsultos portuguezes mais notaveis, que se veem pintados em medalhões dispostos por sobre as janellas e portas, ao que se junta um grande quadro pintado ao centro do tecto da sala, representando a figura da justiça, são obras do sr. Malhôa, artista já vantajosamente conhecido pelo brilhantismo da sua palheta.
Ao fundo da sala e por sobre o logar da presidencia, está um quadro com o retrato do chefe da nação, de corpo inteiro e de farda e manto real. Este quadro parece-nos ser do pintor José Rodrigues, se a memoria nos não falha.
As janellas e as portas são guarnecidas de sanefas de velludo carmezim, um pouco mais claro do que o que cobre as deseseis mesas que se acham dispostas a par, no sentido longitudinal da sala; sobre estas mesas ha quarenta e oito pastas forradas de seda azul com fitas brancas, tendo em lettras douradas o titulo do congresso.
A mesa da presidencia é em fórma de ferradura e tambem coberta de velludo carmezim escuro. Dois grandes lustres de metal e vidro, pendentes do tecto, podem illuminar a sala á noite.
Além d'esta sala ha a das conferencias particulares que fica por detraz da presidencia, a qual tambem se acha elegantemente guarnecida, tendo ainda a adornal-a quadros a oleo, representando os retratos de D. Maria II, D. Pedro V e de alguns jurisconsultos notaveis presidentes do tribunal. Ao lado d'esta sala são os gabinetes dos secretarios, etc., seguindo-se-lhe a do buffete, onde são servidas as refeições aos membros do congresso.

*
* *

Os membros do congresso postal, tem tido em Lisboa um acolhimento digno das potencias que representam e do paiz que tem a honra de os receber.
Sua Magestade el-rei D. Luiz recebeu os congressistas, no palacio da Ajuda, no dia 2 do corrente e no dia 9 offereceu-lhes um jantar a que todos assistiram e que foi dos mais luxuosos que se tem dado no paço. O ministro de França, o sr. Laboulaye deu um brilhante sarau no seu palacio, em honra dos congressistas, a que estes assistiram e o qual se dignou honrar com a sua presença SS. MM. el-rei D. Luiz e rainha D. Maria Pia. O sr. presidente do conselho Fontes Pereira de Mello tambem convidou para um sarau que deu em sua casa, os membros do congresso, e offereceu-lhe um banquete que foi servido na sala do tribunal do commercio, convenientemente preparada para esse fim, com muito gosto e elegancia, e que se realisou no dia 19 do corrente. No dia 16 teve logar um passeio a Cintra, sendo servido no hotel Victor um *lunch* aos congressistas.
O sr. conselheiro Guilhermino de Barros offereceu-lhes um almoço e ainda se preparam novas diversões, entre outras, um jantar e baile no ministerio dos negocios dos extrangeiros, offerecidos pelo respectivo ministro; um passeio fluvial no Tejo; um baile pelo corpo do commercio, etc.
Á solicitude com que se tem obsequiado os membros do congresso, tem correspondido por parte d'estes as maiores demonstrações de reconhecimento e satisfação, confessando que se acham extremamente penhorados para com o paiz, que lhe tem feito uma recepção tão cordeal e affectuosa.

*
* *

A nossa gravura representa a sala do congresso na occasião em que o mesmo funcciona em uma sessão.
Esperamos em breve publicar os retratos de alguns congressistas e por essa occasião daremos mais algumas noticias sobre o assumpto.

PEDRAS SALGADAS

Na pittoresca estrada de Villa Real a Chaves, a 5 kilometros de distancia de Villa Pouca d'Aguiar e a 10 de Vidago, alvejam em um grupo alegre, recostado no espaldar de uma pequena eminencia, as edificações do estabelecimento hydrologico das Pedras Salgadas, sem duvida alguma o mais importante da peninsula, quer pela prodigiosa abundancia das suas aguas mineraes, quer pela variedade e riqueza das suas propriedades therapeuticas.
Data de 1875 a organisação da companhia que se propoz explorar esse manancial inexhaurivel de recursos medicos, adquirindo por compra aos seus antigos proprietarios, os srs. Saraiva e Botelho, quer as nascentes já descobertas, quer os terrenos indispensaveis ao desenvolvimento de uma estação sanativa, confortavel e aprazivel.
Não ha vestigios de que estas aguas fossem utilisadas pelos habitantes primitivos d'aquella região, se bem que nas suas proximidades se encontrem indicios salientes de povoações romanas ou pre-romanas, taes como os fragmentos copiosos de ceramica antiga que apparecem dispersos pelos terrenos de alguns campos visinhos, a existencia de um *crasto* na fronteira freguezia de S. Martinho de Bornes, e os restos de velhas fortificações no monte dos Castellos, sobranceiro ao local de que se trata.
Á parte isto, nenhum signal de obra de arte, como os que se descobrem em algumas das nossas estações thermaes, exploradas no periodo da dominação romana.
E', porem, muito de presumir que estas nascentes fossem já conhecidas em epocas remotas, ligando-se talvez a ellas a tradição das curas miraculosas operadas por aquelles sitios pelo santo bispo S. Geraldo durante a sua visita pastoral á referida freguezia de Bornes, onde falleceu.
Seja, porem, como fôr, a verdade é que antes da criação da companhia, apenas existiam alli alguns pobres casebres onde se albergavam as pessoas que iam fazer uso das aguas, achando-se um d'elles construido até sobre uma das mais ricas nascentes, a do Penedo, edificação que ainda existe, e erguendo-se mais tarde outra sobre a penedia de que brotam mais trez nascentes de composição diversa.
A situação do estabelecimento é excellente. Fica na encosta de um pequeno monte, dilatando-se na sua frente uma vasta planicie enquadrada ao fundo pelas silhuetes irregulares de elevadas serranias.
Não foram poucos os obstaculos que a empreza teve a vencer para transformar as condições aridas e agrestes do local, e se muito o conseguiu em plantações e em outros embellezamentos, ainda assim revela-se em todas as obras a falta de um plano bem determinado e executado e ainda a ausencia de uma fiscalisação activa e competente.
Póde attribuir-se facilmente tudo isso em grande parte á pouca abundancia de capitaes de que a companhia dispunha e ao desejo de os remunerar desde logo. A não ser isso, o que se deveria ter feito era destruir todas as antigas edificações que alli havia, collocar as nascentes em boas condições, submetter a um plano geral de aformoseamento todos os terrenos, e construir o hotel segundo o projecto de um architecto habil.
No entretanto o Grande Hotel, que possue uma apparencia exterior simples e não desagradavel, póde fornecer uma hospedagem numerosa e commoda, sendo o seu preço de 1$200 réis diarios, relativamente economico.
Ha, além d'isso, o chamado Pequeno Hotel, de preço mais diminuto, e alguns ligeiros predios que podem servir igualmente para uma residencia temporaria, se bem que pouco confortavel.
As aguas das Pedras Salgadas pertencem á classe das bicarbonatadas de Durand-Fardel e ás bicarbonatadas sodicas, por entrar n'ellas a base soda.
São oito as nascentes já descobertas, todas copiosissimas e de composição variada, e intitulam-se:
Penedo, Gruta Maria Pia, Rio, Ferrea, José Julio Rodrigues, Saraiva e Botelho, Nova e Formosa.
Essencialmente alcalinas e fortemente carregadas de acido carbonico, entram tambem na composição de algumas d'ellas os bicarbonatos de lithio e de sodio, e os arseniatos.
Assim applicam-se com bom resultado no tratamento da lithiase venal, nas areias uraticas e phosphaticas, nas doenças cutaneas, na anemia, choro-anemia, escrophuloso, gotta, gastrites chronicas, etc.
Para applicação externa, possue o estabelecimento uma casa aceiada e bem montada, fornecida abundantemente pela agua de algumas das nascentes acima designadas. Além de banheiras de ferro esmaltado para banhos de immersão, tem os indispensaveis apparelhos para *duches* de todos as fórmas.
Pelas virtudes d'estas aguas e pelas curas que tem produzido, é já grande o seu consumo, tanto no paiz como fóra d'elle, empregando-se até como excellentes *eaux de table*, e augmentando ao mesmo passo, de anno para anno, a frequencia do local de onde procedem.
Entre os numerosos hospedes do anno passado, o estabelecimento teve a honra de receber a visita, em agosto, de el-rei o sr. D. Fernando, de sua esposa a sr.ª condessa d'Edla e do infante o sr. D. Augusto.
A familia real e as pessoas da sua comitiva occupavam toda a ala esquerda do Grande Hotel, elegante e agradavelmente disposta.
A longa permanencia que os illustres personagens alli fizeram, demonstra o quanto ficaram bem impressionados com a belleza do sitio e com as commodidades que se lhes proporcionaram, e as melhoras que sentiram tanto a sr.ª condessa como o sr. infanfe com o uso das aguas, provam os seus beneficios therapeuticos.
El-rei D. Fernando e sua familia manifestaram por mais de uma vez que achavam a situação das Pedras Salgadas muito mais aprazivel do que a de Royat, onde haviam estado no anno anterior, e tão agradados ficaram d'ella como dos testemunhos de affectuosa sympathia que receberam, que prometteram voltar alli.
A jornada da Regoa até ás Pedras Salgadas, em carruagem ou em diligencia, é um tanto enfadonha, mas amenisam-a em todo o precurso os formosissimos panoramas que se desenrolam atravez da pittoresca provincia de Traz-os-Montes.
Quando o silvo da locomotiva eccoar pela extensão d'aquelles valles, facilitando as communicações d'essa região ferassissima com o resto do paiz, o estabelecimento hydrologico das Pedras Salgadas ha de ser uma nas estancias mais predilectas das pessoas de fortuna.
Até lá, a empreza que o administra não deve descançar nos melhoramentos e attractivos indispensaveis para o tornar cada vez mais recommendavel áquelles mesmo que queiram ir alli passar no socego delicioso do campo algumas semanas de verão. Depende d'isso o futuro e a prosperidade da propria companhia.
Terminaremos esta ligeira noticia com algumas notas especiaes sobre as antiguidades que por alli podem offerecer elemento de observação ao archeologo.
A igreja parochial de Bornes, em que se encon-

tram vestigios da sua primitiva architectura romanica, foi sagrada, segundo diz a tradição, pelo bispo de Braga S. Geraldo, quando fazia a sua visita pastoral. Adoecendo, alli morreu, e no sitio em que exhallou o ultimo alento ergueu-se modesta capella de simplissima construcção gothica. Proximo existe uma pequena fonte, que tem o nome do santo bispo, e cuja agua o povo crê ser remedio infallivel para as sezões.

Um pouco acima da referida igreja, encontram-se em um monte os restos das fortificações de um *crasto*.

Em Sabroso, n'uma pobre capella situada em uma eminencia que se descobre ao lado esquerdo da estrada de Chaves, foi enterrado o general Mac-Donalt, assassinado barbaramente em 1847 n'aquellas proximidades pelos guerrilheiros que o perseguiram na sua fuga para Hespanha. Não existe o menor signal do sitio em que descançam as ossadas do infeliz militar.

Em Villa Pouca existem as curiosas ruinas do celebre castello de Aguiar.

No monte dos Castellos, proximo ao estabelecimento das Pedras Salgadas, além dos restos de antigos muros que fortificavam aquelle sitio, encontram-sa nos penhascos que o erriçam algumas curiosas *pierres à fossettes*, uma das quaes notavel pelas dimensões e pela forma das cavidades que n'ella se vêem.

Em uma casa da estrada, onde existe a fonte a que pozeram o poetico titulo de Fonte dos Suspiros, vê-se a parte posterior de uma pequena mó romana e a qual foi adequada a bebedouro de gallinhas. Nos campos proximos depara-se a cada passo com os restos de ceramica de industria tambem antiga.

Porto, janeiro de 1885.

Manoel M. Rodrigues.

O baile dos srs. duques de Palmella

Um dos acontecimentos mais notaveis d'este anno, foi sem duvida, o grande baile dado no seu palacio do Rato pelos srs. duques de Palmella.

No dia 16, quem, depois das 10 horas da noite, seguisse pela rua da Escola Polytechnica, veria uma longa fila de carruagens que se dirigia para o palacio do Rato. Em frente, dois cavallarias e um cordão de policias continham a multidão de curiosos, que se agglomerava para vêr entrar os convidados. A porta principal d'entrada era coberta com um alpendre, resguardada por cortinas, e do interior do atrio um largo tapete estendia-se até á rua no ponto em que os convidados se apeiavam. Logo que uma carruagem parava, um *groom*, elegantemente fardado, abria a portinhola. O atrio era lindamente adornado de palmeiras, de bananeiras, de grandes fetos, de mimosos massiços de avencas d'uma verdura delicada e tenra; e, ao meio, postado com a immobilidade d'uma estatua, via-se o guarda-portão, de chapeu armado e bastão em punho. Dois criados fardados com casacas verdes agaloadas de prata, calção de veludo escarlate, meia de seda, e de cabelleiras empoadas, abriam de par em par as portas do guarda-vento, que dava accesso para a escada.

Bastava então subir o primeiro degrau, para logo termos a impressão que sentimos, quando vamos subindo respeitosamente as escadas d'um museu de bellas-artes. Os formosos quadros, que forram as paredes, entre os quaes sobresahem as valiosas telas de Grão-Vasco; as bellas estatuas de Carrara, d'entre as quaes realçam a *Ignez de Castro*, de Simões d'Almeida e a *Infancia da Arte*, de Soares dos Reis, todos os mil objectos que alli se nos deparam, attestam que para o esplendor maravilhoso d'aquella casa, não só foi necessario dispender uma fortuna avultada, mas sobretudo empregar o talento mais delicado, que só possue o espirito dos grandes artistas.

Depois de se entrar na *vestiaire*, improvisada á saída para o jardim, onde um grupo de criados egualmente fardados recebiam os casacos e as capas das pessoas que chegavam, subia-se até ao andar nobre, em cuja primeira sala, chamada de *Limoges*, pela preciosa collecção que n'ella se admira, a sr. duque de Palmella recebia os seus convidados. Na sala immediata, forrada de damasco escarlate, estava a sr.ª duqueza, trajando uma *toilette* de setim bordada a oiro. E n'esta sala que estão os retratos dos primeiros duques, pintados pelo celebre Lawrence. Junto d'esta sala fica o salão do baile, forrado de damasco amarello. Ha n'elle um dos mais notaveis quadros de Grão-Vasco, representando *S. Miguel Archanjo*, e um explendido retrato de corpo inteiro e tamanho natural da sr.ª duqueza, devido ao pincel de Carolus Duran. Ao lado do salão, n'uma pequena sala com reposteiros de pannos de Arrhas, admira-se uma collecção de Sequeiras; e na sala azul, que continua o salão, vê-se entre outros quadros preciosissimos o bello retrato de D. Izabel Julianna de Sousa Coutinho Monteiro Paim, mãe do 1.º duque de Palmella.

Não podemos dizer tudo quanto se admira no palacio do Rato, quantas obras-primas n'aquellas salas se contém, e entre as quaes figuram pelo seu extraordinario valor artistico as esculpturas primorosamente executadas pela sr.ª duqueza de Palmella. Queremos dar uma idéa apenas do grande baile, com que os nobres duques festejaram a maioridade de sua filha, a sr.ª marqueza do Fayal.

No salão de dansa a orchestra era a celebre *Münz-Kapella* de tziganos, mandada vir expressamente da Bohemia para este baile.

São apenas treze musicos: dois rabecões, um violoncello, dois clarinetes, sete rabecas e uma *Zimbale*, como elles designam um extraordinario instrumento, especie de timbale. Todos os artistas se apresentaram com o seu elegante vestuario hungaro, um casaco curto debruado de pelles e guarnecido d'alamares doirados, gravatas pretas franjadas de oiro, calção azul e bota alta de polimento, no genero das botas á Frederico. O regente da orchestra é um homem alto, forte, de barba loira e cabelleira annellada, com uma alegre physionomia de artista. A musica tocada n'aquelles instrumentos adquire todo o relevo e presta-se a todos os contrastes. Por vezes, ouvem-se apenas, n'um murmurio doce e dormente, as arcadas lentas das rabecas e do violoncello; e, inesperadamente, como n'um arranco, os sons asperos, roucos e vivos, tirados de repente do *Zimbale* e dos rabecões, fazem despertar a musica, dando-lhe uma alegria extravagante, febril e quasi selvagem! Mal se pode descrever o effeito extraordinario que esta musica produz! Não ha orchestra, por mais bem dirigida e por maior numero de instrumentos que tenha, que possa egualar a musica dos tziganos, no vigor e no *entrain* com que estes homens executam as valsas de Strauss e as marchas da Hungria!

Pois foi, durante tres horas, sem um momento de descanso, sempre com o mesmo enthusiasmo, variando apenas de valsa, que os tziganos tocaram, em quanto se dansou o *cotillon*. Que variado e bonito *cotillon!* Nunca vimos apparecer em baile nehum uma profusão tão interessante de marcas, todas mais ou menos valiosas, desde as pandeiretas biscaias, as umbellas japonezas, os saccos de *bons-bons* delicados, até á ultima, que consistia em pulseiras e anneis de oiro e perolas para as senhoras, e alfinetes para os homens. E deve notar-se que n'este *cotillon* entravam quarenta e quatro pares!

Logo que terminou o *cotillon*, os pares marcharam n'uma longa fila, ao som da marcha *Rokoczi-Marsch*, para a sala da ceia. Era um verdadeiro deslumbramento o aspecto da sala, toda illuminada, guarnecida com riquissima baixella de prata e os mais preciosos crystaes. Sobre a meza, aberta a todo o comprimento da sala, viam-se as iguarias mais delicadas e mais raras dispostas em grande profusão. Os pratos, em que os convidados se serviam, ou eram de antiga louça da China ou de prata. Cada talher era um primor artistico de buril. E, servidos por uma enorme fila de criados todos fardados, que circulavam em torno da meza, os convidados tinham diante de si, as aves mais raras, os peixes mais saborosos, as fructas mais delicadas e tudo quanto a pastelaria tem inventado de mais *raffiné*. Das mattas de Inglaterra veio expressamente parte da caça, que na peninsula não havia; e foram remettidas das ilhas os melões, as bananas, as melancias e os ananazes, que se serviram na ceia!

O *menu* era impresso em pergaminho, com as fitas das côres da casa, selladas com o brazão Palmella.

CHAUD

Consommé des Tziganes
Petits friands à la Diane
Saumon à la hollandaise
Filets de bœuf au Madère
Dindes brochées à la Périgueux
Asperges à la Mousseline

FROIDS

Jambons de Cincinnatti à la gelée
Galantines de volailles marbrées
Hure de sanglier des Ardennes
Patés de foies gras de Strabourg
Caisses d'ortolans à la Lucculus
Perdreaux à la Paméla
Ballotines de Bécasses aux truffes
Salades Russes historiées
Sandwichs à la romaine

ENTREMETS

Napolitains aux pêches
Pains de chataignes à la Nisselrode
Genoises montées aux abricots
Parfaits au café
Babas à la Rochelle
Nougats à la Niçoise
Gâteaux Victoria

VINS

Porto
Madère
Xerez
Pommar
Chateau Margaux
Saint-Julien
Sauternes
Graves
Champagne (Moet et Chandon)

N'este baile, cuja grata impressão ha de por muito tempo prevalecer no espirito dos que a elle assistiram, achava-se reunido tudo quanta a sociedade de Lisboa conta de mais distincto na aristocracia, na elegancia, na diplomacia e nas artes.

Este jornal, que tem por fim archivar todas as festas do paiz, não podia deixar de inserir nas suas columnas uma noticia, posto que incompleta, do baile dos srs. duques de Palmella. E' nosso dever fazel-o; porque, se para muitos representa este baile apenas uma festa grandiosa da nossa sociedade elegante, para nós foi mais uma manifestação do grande talento artistico, que distingue a sr.ª duqueza de Palmella.

A. B.

O ACTOR JOÃO ANASTACIO ROSA

(Continuado do n.º 219)

Rosa nasceu em Redondo, uma villa alegre e pittoresca do Alemtejo. Sua mãe chamava-se D. Merina do Carmo, e seu pae, um homem importante da sua terra, José Manuel da Rosa Munhós.

Logo desde os mais tenros annos o futuro grande actor mostrou uma decidida vocação para arte, mas não para artes scenicas, para a arte da pintura.

Emquanto os garotos da sua edade andavam em correrias pelos campos, o Rosa mettido no sotão da sua casa rabiscava bonecos, coloria estampas, com as tintas que podia apanhar, concertava bonitos, e depois louças, e vidros, e todos os objectos quebrados que confiavam á sua habilidade precoce, de modo que aos doze annos o Rosa era o *faz tudo* da terra.

Era o *faz tudo* mas d'um dia para o outro transformou-se no *quebra tudo*.

Toda a gente do sitio o achava muito apto para concertar as bugigangas que tinha lá por casa feitas em pedaços, mas ninguem o achava apto para receber dinheiro.

Davam-lhe que fazer em barda, mas real nem meio.

Farto de trabalhar não para a cidade, mas para a villa, Rosa um bello dia, pegou n'um martello, foi-se ao seu sotão e quebrou todos os objectos que lhe tinham dado para arranjar.

— Agora é que estão arranjados, disse triumphante o pequeno Rosa.

E nunca mais tornou a ser o *faz tudo* de Redondo.

Por esse tempo apparecia alli no sitio um pinta monos foragido politico de Lisboa. Levava na sua bagagem de artista uma collecção de estampas, que foram um acontecimento em Redondo e um deslumbramento para o Rosa.

Sobretudo um cavallo que figurava n'essa collecção era o encanto do pequeno artista. Mas o pinta monos pedia muito dinheiro pela estampa e Rosa na impossibilidade de adquirir o cavallo, voltou-se para uma cabeça de Cleopatra que figurava tambem na collecção, e como egualmente não a pudesse comprar, copiou-a.

E copiou-a tão bem, com tanta arte e tanta habilidade, que essa copia começou a dar-lhe uma certa nomeada entre a gente de Redondo.

Animado com o *successo* obtido pela sua Cleopatra, Rosa lançou-se ao largo nos mares da pintura, e as suas obras deram-lhe a celebridade na villa, celebridade de tal ordem que o *Perninhas* um velho exotico, e proprietario muito conhecido em Redondo, chamou o Rosa para lhe restaurar uma imagem de Santo Antonio, pintada em madeira, que tinha á porta d'um dos seus predios e que era muito querida de toda a gente da terra.

O Rosa restaurou-lhe o Santo Antonio. O Perninhas quando o viu ficou assombrado.

— Que tal o acha? perguntou-lhe o artista.

— Magnifico! Admiravel. Toma lá, rapaz.

E deu-lhe doze vintens

O Rosa, não se desconcertou, e perguntou-lhe com a mesma serenidade:

— Então acha-o realmente bom?

— Protentoso!

— E agora? pergunta novamente Rosa passando uma das mãos sobre a tinta ainda fresca, e transformando Santo Antonio n'um grande borrão.

— Que fizeste, rapaz?

— Dei-lhe os ultimos toques, e agora leve o santo, e guarde o seu dinheiro, disse-lhe o Rosa com uns ares theatraes em que se revelava ao mesmo tempo o artista e o actor.

A familia de Rosa vendo a decidida vocação que o pequeno, que já então contava quinze annos, tinha para a pintura, abandonou os seus planos de o dedicar á carreira ecclesiastica, e mandou-o para Lisboa estudar desenho para a aula do Thesouro Velho.

Pouco tempo ahi esteve, porque o marechal Raposo, o illustre engenheiro que dirigira a fundição da Estatua Equestre, sympathisando com o jovenil artista, mandou-o para a Ajuda, praticar debaixo da direcção do afamado pintor Taborda, com o ordenado de 200 réis diarios.

Um outro protector disvelado de Rosa foi o patriarcha Frei Francisco de S. Luiz, seu patricio, que o metteu no Jardim Botanico da Ajuda, onde Rosa fez o conhecimento do celebre e chorado paysagista Thomaz d'Annunciação.

(Continúa) *G. L.*

RESENHA NOTICIOSA

Monumento á Restauração de Portugal. No dia 10 do proximo mez de março, anniversario da paz assignada com a Hespanha depois da guerra da restauração, deve ser inaugurado este monumento, que a commissão 1.º de Dezembro de 1640, auxiliada pela subscripção publica que abriu no paiz e no Brazil, levantou na praça dos Restauradores. A esse monumento de pedra e bronze, que commemora a libertação de um povo do jugo estrangeiro, libertação realisada do modo mais extraordinario, resolveu a illustre commissão juntar um outro monumento não menos perduravel que aquelle, o qual é um opusculo historico e patriotico rememorando os factos que occorreram na restauração de Portugal. A direcção litteraria d'este opusculo está confiada ao sr. Luiz Augusto Palmeirim e é collaborado pelos mais eruditos e laureados escriptores portuguezes. As illustrações que adornam esta publicação são executadas sob a direcção dos artistas Manuel de Macedo e Caetano Alberto, e a empreza do Occidente é a encarregada de fazer a edição. O opusculo promette ser um verdadeiro monumento litterario.

Kartum. A guerra do Egypto, que ha dois annos dizima o exercito inglez, em lucta com as hostes fanatisadas de Mahdi, teve ultimamente um grave revez para a Inglaterra, na invasão de Kartum pelos revoltosos, á frente dos quaes anda Mahdi. D'esta invasão resultou a morte do general Gordon, commandante em chefe do exercito inglez no Egypto.

E. Du Sommerard. Falleceu ha poucos dias em Paris este illustre antiquario, conservador do museu de Cluny, e filho do celebre antiquario Alexandre Du Sommerard, fundador do referido museu. O museu de Cluny foi principiado com collecções que Alexandre Du Sommerard cedeu ao estado, e seu filho foi incansavel em o augmentar e aperfeiçoar, repartindo o seu tempo para continuar uma publicação de grande tomo, que seu pae emprehendera e deixara incompleta: *Les arts au moyen âge.* Mantinha relações com o museu de bellas-artes de Lisboa, ao qual, por meio de trocas, tinha adquirido reproducções de alguns fragmentos mais notaveis da nossa arte manuelina. E. Du Sommerard era considerado uma das primeiras auctoridades em tudo que diz respeito á arte antiga.

Pedras Salgadas — Estabelecimento de banhos (Segundo uma photographia)

Conferencias sobre o Zaire. O sr. dr. Francisco Antonio Pinto, juiz de direito de Loanda, vae fazer uma serie de conferencias sobre a questão do Zaire no salão do theatro da Trindade, a primeira das quaes realisar-se-ha ámanhã, pela uma hora da tarde, seguindo-se-lhe outras, que serão previamente annunciadas.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Diccionario Universal de educação e ensino, etc., por E. M. Campagne, etc., trasladado a portuguez e ampliado nos assumptos relativos a Portugal por C. Castello Branco. E' d'este importante livro que o conhecido e acreditado editor portuense o sr. Ernesto Chardron, vae fazer uma nova edição, consideravelmente augmentada, com artigos coordenados dos principaes escriptores de pedagogia, pelo sr. José Nicolau Raposo Botelho, capitão de infanteria e professor no lyceu do Porto. A publicação que constará de 3 vol. de 1:000 paginas, principiará a sair a publico no mez de março proximo, em fasciculos de 64 paginas de 8.º grande ao preço de 200 réis cada fasciculo. O prospecto d'esta obra dá uma idéa da sua importancia, e póde ser requisitado ao editor o sr. Ernesto Chardron, no Porto.

Diccionario portuguez-francez, edição de David Corazzi, Lisboa. Concluiu-se a publicação d'este diccionario, pertencente á collecção de *Diccionarios do Povo* a que já por varias vezes nos temos referido e recommendado ao publico, como uma propaganda de instrucção, de todo o ponto util e excessivamente barata, pois que cada diccionario completo custa apenas 500 réis.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana. Commissão de redacção, José Ribeiro Guimarães Drack, director, Alfredo da Silva Machado, subdirector, José Tedeschi e Emilo Fragoso, Lisboa. O numero que temos presente, relativo ao mez de dezembro, é dedicado á memoria de José Dionysio Corrêa, de que o Occidente tambem ha pouco se occupou publicando o seu retrato. O illustre pharmaceutico, fundador da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, por muitos titulos merecia a justa homenagem que a referida Sociedade acaba de lhe prestar, dedicando-lhe um numero do seu jornal, em que, além da biographia e de varios artigos que a imprensa publicou por occasião do fallecimento de José Dionysio Corrêa, publica tambem o seu retrato e uma gravura da casa onde falleceu, na rua de S. José n.º 51.

Os Predestinados, por Henrique Perez Escrich, traducção de J. Cruzeiro Seixas. Joaquim Antunes Leitão, editor, Porto. É um novo romance do afamado escriptor hespanhol, que conseguiu crear um grande numero de leitores em Portugal, sendo certo que as edições dos seus romances se esgotam em curto praso, havendo já alguns em segunda e terceira edição. Cremos que este facto valle mais que todas as recommendações, e prova que as obras de Escrich se recommendam por si. Os *Predestinados* constam de 4 volumes dos quaes já se acham publicados dois, pela *Bibliotheca do Cura da Aldeia*, de que é proprietario o acreditado editor portuense o sr. Joaquim Antunes Leitão e são illustradas com gravuras por Caetano Alberto.

Kalendario de David Corazzi. Um delicado brinde que o estimavel editor offereceu aos seus correspondentes e aos seus amigos particulares. Este kalendario, primorosamente impresso a cores sobre papel *chagrin*, em gosto chinez, é ao mesmo tempo um bello especimen dos trabalhos executados na officina de encadernação da casa Corazzi.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores 50 a 56. — Lisboa.